

SESSÕES DO PLENÁRIO

71ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 30 de outubro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO HILTON COELHO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Invocando a proteção de Deus e dos orixás, declaro aberta a presente sessão em homenagem aos 40 anos de fundação do Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho do Estado da Bahia. É uma proposta do nosso mandato, institucionalmente, como representação na Assembleia Legislativa, mas, claro, é uma idealização do nosso Safiteba, o grande ator coletivo. Nesse sentido, vamos começar a composição da Mesa pelo presidente do nosso Safiteba.

Então, convido o Sr. Presidente do Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho da Bahia, Safiteba, o Sr. Nelson Alves Côrtes Filho. Também para compor a nossa Mesa, o Sr. Vice-Procurador Chefe do Ministério Público do Trabalho na Bahia, Marcelo Castagna Travassos de Oliveira; o Sr. Auditor Fiscal do Trabalho, Maurício Nolasco de Macêdo, que neste ato representa a superintendente regional do trabalho, Gerta Schultz. O Sr. Diretor de Políticas de Classe e Articulação Institucional do Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho na Bahia, Mário Diniz Xavier de Oliveira; o Sr. Major Melo Filho, representante do comandante da 6ª Região Militar, general Silva Alvim; o Sr. Ex-Deputado Federal e ex-superintendente do trabalho na Bahia, Severiano Alves; o Sr. Segundo-Secretário da Associação Baiana dos Advogados Trabalhistas, o nosso Jorge Lima, que neste ato representa o presidente Ivan Isaac Ferreira Filho. A Sr.ª Supervisora Técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos na Bahia, a nossa intelectual orgânica, Ana Georgina da Silva Dias; a Sr.ª Auditora Fiscal da Superintendência Regional do Trabalho, Sr.ª Lidiane Barros; o Sr. Presidente do Instituto do Trabalho Digno, Fernando Donato Vasconcelos; o Sr. Presidente da Nova Central Sindical de Trabalhadores na Bahia, José Ramos Félix; a Sr.ª Coordenadora de Lutas da Central Sindical e Popular, a nossa Denise Carneiro; o Sr. Presidente da União Geral dos Trabalhadores, Magno Lavigne.

Convido todos os presentes para ouvirmos o Hino Nacional. Peço que fiquem de pé.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Vamos completar a nossa Mesa com a representação sindical que não podia faltar, a representação da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, CTB, a companheira Rosa de Souza. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Farei uso da palavra, rapidamente, como proponente da sessão.

Teremos no roteiro algumas falas, poucas falas um pouco mais longas e, depois, algumas breves saudações.

O Sr. HILTON COELHO: Sr. Presidente do Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho da Bahia, Safiteba, quero fazer a saudação a esse sindicato que se confunde com a própria trajetória da defesa da saúde, da segurança do trabalho na Bahia e no Brasil. Sr. Vice-Procurador Chefe do Ministério Público do Trabalho na Bahia, Marcelo Castagna; Sr. Auditor Fiscal do Trabalho, Maurício Nolasco, representante da superintendente regional do trabalho; Sr. Diretor de Políticas Públicas de Classe e Articulação Institucional, Mário Diniz, de quem tenho uma referência muito grande do ponto de vista político e institucional; Sr. Major Melo Filho, que representa a 6ª Região Militar; Sr. Ex-Deputado Federal e ex-superintendente, Severiano Alves; Sr. Segundo-Secretário da Associação Baiana dos Advogados Trabalhistas, Jorge Lima, por quem também tenho um apreço muito especial por todo trabalho que é feito em relação à categoria e à luta pelo direito à Justiça do Trabalho; a Sr.^a Supervisora Técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Ana Georgina, que ainda ontem nos deu uma aula sobre as decorrências trágicas da possível saída da Petrobras da Bahia. Apenas mais uma aula que ela dá a esta Casa, a outras casas parlamentares e a todo movimento social sobre questões centrais para a vida do nosso povo.

Quero saudar a Sr.^a Auditora Fiscal da Superintendência Regional do Trabalho, Lidiane Barros; o Sr. Presidente do Instituto do Trabalho Digno, Fernando Donato; o Sr. Presidente da Nova Central Sindical dos Trabalhadores, José Ramos Félix; Denise Carneiro, alguém que também é uma referência nossa no movimento sindical e, mais do que isso, referência na luta política do povo há muito tempo. O Sr. Presidente da União Geral dos Trabalhadores, nosso Magno Lavigne, que é alguém que faz um trabalho sindical que está muito além das reivindicações específicas da classe trabalhadora e que hoje se destaca com um trabalho muito precioso para o povo baiano no campo da comunicação.

Portanto, Sr. Presidente Nelson Alves, estamos muito orgulhosos de compor esta Mesa e sobretudo de ter esse público. Desculpe-me, Rosa, mais uma vez. Rosa é vice-presidente da CTB na Bahia, que também é uma central sindical muito importante. Nós queremos destacar a importância da CTB, hoje, na luta em defesa do Divast/Cesat. Estamos às portas de ver esse importante instrumento de defesa da saúde e da segurança do trabalho na Bahia ser praticamente extinto. E a CTB tem tido – junto com a CUT, com a UGT, com outras centrais – um papel muito importante para ressaltar o significado dessa instituição e da própria defesa da saúde e da segurança do trabalho.

Esta sessão especial que marca 40 anos tem por objetivo, primeiro, marcar historicamente, porque 40 anos não são 40 dias. Principalmente em relação a essa trajetória que nós sabemos que no Brasil e na Bahia começou já no período da Ditadura Militar.

Então, sabemos como esse terreno – nós vamos ver aqui que deve ter sido – é um terreno extremamente espinhoso em toda a trajetória. Para que pudéssemos, não apenas fazer a fiscalização, mas garantir que o Brasil e a Bahia tivessem um conjunto

de normas, tivessem um aparato jurídico que permitisse que os dados em relação à saúde, à segurança do trabalho no Brasil fossem superados. Tanto a Bahia quanto o Brasil se destacam internacionalmente em relação a essa problemática. Então, é uma trajetória extremamente difícil e, portanto, muito corajosa.

Esta sessão especial tem, primeiro, o objetivo de marcar esse momento histórico dos 40 anos. Mas esses 40 anos acontecem, Nelson, num momento, também, muito importante para o nosso país.

Vemos a política de segurança e saúde no trabalho sendo bastante desestruturada no Brasil. O elemento mais emblemático, simbólico disso foi a extinção do Ministério do Trabalho. Foi um sinal que o governo buscou dar de que nós estaríamos entrando num momento em que, internacionalmente, o Brasil posaria como um país que já pode estar vendo os elementos relacionados à saúde e à segurança do trabalho darem passos para trás.

Então, para nós, esses 40 anos acontecem num momento em que a sociedade brasileira precisa se levantar. Estamos num momento em que podemos ver o Brasil, em todos os aspectos, retornar a uma condição de ocupação colonial do seu território e de reescravização do nosso povo. Não é à toa que nós percebemos um conjunto de retrocessos em relação à afirmação de instrumentos que são centrais para a formação de um projeto nacional no país.

Falei aqui sobre a atividade que participamos na Câmara de Vereadores ontem, através do exemplo da aula que nos deu Ana Georgina sobre a situação da Petrobras na Bahia. Lá foi levantado um conjunto de ameaças, como a extinção da Petrobras e a desestruturação das nossas universidades públicas. E nós estamos vendo agora o escândalo que tem sido o não enfrentamento do óleo pesado que chega a todo o litoral nordestino. Estamos percebendo como as nossas universidades públicas têm procurado dar resposta a essa situação.

Portanto, mais uma vez, as nossas universidades estão demonstrando o seu valor. E outras instituições, como a Eletrobras e a própria Casa da Moeda, estão ameaçadas de perda de controle do povo brasileiro. Ou seja, estamos numa situação de possibilidade de perda da própria soberania nacional do Brasil.

E aliado a isso, a condição de que o nosso trabalhador e a nossa trabalhadora podem estar numa situação híbrida, entre o trabalho escravo e o trabalho assalariado. A generalização das terceirizações já começou a partir do golpe de 2016, com o governo de Michel Temer, e hoje ganha um reforço por parte desse governo. Aliadas a outras medidas, a suspensão de um conjunto de normas e a extinção do Ministério do Trabalho podem colocar essa situação.

Hoje, um trabalhador terceirizado é marcado, dentre outras coisas e outras violências, pela incerteza de ter o seu salário e a sua remuneração ao final do mês. O que é isso senão uma condição híbrida entre trabalho escravo e trabalho assalariado, se não existe a garantia da percepção do salário no final do mês?

Mas esse é o modelo que esse governo pretende generalizar no nosso país. Eu não quero aprofundar os elementos, até porque não tenho competência para isso e vamos ter falas maravilhosas que vão aprofundar esse cenário para nós. Mas quero

finalizar dizendo, mais uma vez, que temos um orgulho muito grande de abrir as portas da Assembleia Legislativa para esses 40 anos que estão marcando a história, tanto do passado como do presente e, com certeza, do futuro, que precisa ser um futuro do povo brasileiro e não de grandes grupos econômicos internacionais.

Muito obrigado. Nós vamos passar agora a ouvir as falas da Mesa. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Neste momento, assistiremos ao vídeo institucional sobre o tema.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Como eu disse inicialmente, nós vamos ter algumas falas com o tempo mais esticado para a gente construir uma linha de reflexão sobre o significado do nosso Safiteba. Depois, abriremos para breves saudações dos componentes daqui da Mesa que se acharem à vontade para fazer.

Bom, então, concedemos a palavra a Ana Georgina da Silva Dias, representando aqui a supervisora técnica do DIEESE, por 20 minutos.

A Sr.^a ANA GEORGINA DA SILVA DIAS: Bom dia a todas as presentes, todos os presentes.

Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do deputado Hilton Coelho, ao mesmo tempo em que eu agradeço o convite louvo a iniciativa desta sessão em homenagem a essa categoria, esse sindicato tão importante.

Saúdo o sindicato Safiteba e os demais presentes na pessoa de Lidianie Araújo, auditora fiscal, diretora do sindicato.

E vou tentar aqui, brevemente, conversar, trazer alguns elementos relativos a essa conjuntura, a esse momento que estamos vivendo, sobretudo em relação ao desmonte do Estado, o que significa o desmonte do Estado em relação às carreiras e a questão do serviço público não só no sentido do que é o serviço público para os trabalhadores, mas, sobretudo, pensando no que esse desmonte significa para a sociedade.

Ao longo dos últimos anos, dos últimos 3 anos, nós temos vivenciado no país uma série de medidas, de reformas que, em muito, têm precarizado, desregulamentado o mercado de trabalho. É curioso a gente falar desregulamentado, porque são reformas que são legítimas no sentido de que passaram por todos os trâmites legítimos para isso. Mas o que nós observamos, por exemplo, quando a gente olha uma reforma, a Reforma Trabalhista, o que nós percebemos é uma flexibilização sobretudo no sentido da redução de direitos. Lembrando que os direitos sempre foram flexíveis, mas eles tinham um patamar mínimo a partir do qual acima daquilo era possível. Então, o que nós observamos da Reforma Trabalhista – e, hoje, já às vésperas de completar 2 anos dessa reforma isso se reforça – é o caráter desregulamentador e, principalmente, o caráter de desproteção dos trabalhadores e trabalhadoras.

Eu começo falando dessa reforma porque acho que, uma vez que estamos falando da categoria dos auditores e auditoras fiscais do trabalho, é extremamente

temeroso, no momento em que temos uma flexibilização que caminha, que nos leva à precarização do mercado de trabalho, nós, paralelamente a isso, temos uma possibilidade muito concreta, inclusive já sinalizada pelo governo, de uma reforma administrativa que fragilize muito mais esse corpo de trabalhadores e trabalhadoras do serviço público de um modo geral, sobretudo os auditores fiscais do trabalho no sentido da proteção ao trabalho e ao trabalhador.

Todos os números referentes a mercado de trabalho estão bastante frescos na nossa memória: o número de desempregados, que ultrapassa os 13 milhões, e, sobretudo, as formas mais precárias dentro do trabalho. Basta dizer que dados recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE para o segundo trimestre de 2019 já nos coloca que o Brasil, hoje, tem 40% dos seus ocupados trabalhando na informalidade. E informalidade que quase é um sinônimo de precarização, uma vez que a maioria desses trabalhadores e trabalhadoras acaba sem nenhum tipo de proteção social.

Juntamente a isso, nós temos também uma possibilidade, aí, sim, de desregulamentação das normas, das NRs relativas à proteção mesmo ao trabalho no sentido da proteção física do trabalho. E os auditores fiscais, ao longo dos últimos meses, têm tido um papel extremamente importante no sentido de chamar a atenção da sociedade e de resguardar essas normas.

Falando especificamente de uma provável... aliás, muito provável. Ainda ontem foi sinalizado pelo governo que a próxima reforma será a reforma administrativa. Falando nesse aspecto, primeiro, é importante a gente tentar situar o serviço público, o trabalho do serviço público no Brasil.

O servidor público brasileiro tem a fama de que é um trabalhador improdutivo, é um trabalhador que ganha muito por um trabalho que é feito de forma não muito produtiva, não é? E também que o peso desse trabalhador no orçamento, o peso do setor público é um peso extremamente alto, sobretudo por que se comparam os rendimentos e as remunerações do setor público com o setor privado, que a cada dia piora, se precariza, como eu disse antes, e essa precarização é muito refletida na remuneração. Não se pode comparar simplesmente um trabalhador da iniciativa privada com um trabalhador do setor público contando com o tipo de mercado de trabalho que nós temos no Brasil.

Como eu disse antes, um trabalho, hoje, feito em grande parte de maneira informal, em que a rotatividade é gigantesca para vários setores. Aqui temos companheiros e companheiras da construção civil, do comércio, do comércio de combustíveis que sabem como a rotatividade funciona.

E nós temos também uma política de salário mínimo que, embora tenha jogado um papel extremamente importante nos últimos anos, está prestes a ser abandonada.

Então, uma comparação pura e simples de remuneração, sem levar em consideração as condições em que esse trabalho é feito, ela é enganosa.

Uma outra coisa também que normalmente é dita é que no Brasil existe um número de trabalhadores no setor público exagerado.

Se nós formos considerar e comparar com vários outros países, sobretudo os desenvolvidos, nós percebemos que no Brasil de cada 100 trabalhadores 12 são do setor público, enquanto nós vemos que nos países desenvolvidos esse número é de 21 para cada 100. E se nós formos, por exemplo, para os países nórdicos, onde há vários indicadores de bem-estar, de qualidade de vida, de prestação de serviço de boa qualidade, nós vamos ver que a força de trabalho é quase 1/3 de trabalhadores do setor público.

Então, uma reforma administrativa no sentido de reduzir o peso do gasto, que, diga-se de passagem, nem de longe é o maior gasto do orçamento... Boa parte do orçamento, hoje, quase a metade ou mais de 40% do orçamento, para ser mais precisa, é comprometido com a dívida pública, sua rolagem, o serviço dessa dívida e os juros. Logo depois, a gente tem a previdência; e só depois é que a gente tem o peso do serviço público. No entanto, é preciso que se lembre que o Brasil é o quinto maior país do mundo em população e é natural que a gente tenha muitos servidores e servidoras públicas.

E também é uma grande verdade que em vários setores, a exemplo da saúde, da educação, nós ainda temos uma grande deficiência de trabalhadores. Posso citar a questão dos auditores. Para um estado como a Bahia, nós temos um número absolutamente insuficiente de servidores dessa área.

Então, na realidade, se fôssemos pensar em melhorar a qualidade do serviço público nós teríamos que aumentar o número de trabalhadores e trabalhadoras em vários setores.

E o que nós ouvimos normalmente é que é um trabalho, como eu disse antes, pouco produtivo, é um trabalho que não tem qualidade, que tem muito servidor e servidora e que isso pesa muito no orçamento.

Nada disso é uma verdade, principalmente quando nós observamos que em termos remuneratórios, por exemplo, a gente não pode nem comparar o Executivo com o Legislativo e o Judiciário. Mesmo entre esferas diferentes do setor público, a diferença de rendimento é muito grande. Alguns poderes acabam elevando a média, quando a gente compara, por exemplo, com o setor privado, o que não necessariamente significa dizer que todos os trabalhadores e trabalhadoras do setor público têm uma remuneração naquela média que é calculada para fazer a comparação com o setor privado.

Não sei se todos sabem que, especificamente, embora não tenha ainda desenhado uma proposta de reforma administrativa, essa reforma, ela caminha por alguns trilhos que são bastante perigosos. Primeiro, o trilho do fim da estabilidade ou, pelo menos, de uma maior flexibilização em relação a isso. Basicamente, a estabilidade é uma condição extremamente necessária ao serviço público no sentido de que os servidores e as servidoras possam, em muitos locais onde exercem o seu trabalho, ter isenção, ter imparcialidade e ter a proteção do seu posto de trabalho mesmo em momentos em que a sua atuação possa contrariar determinados interesses. Então, a estabilidade, ela não é um prêmio puro e simples, a estabilidade é uma condição de autonomia para que os

trabalhadores e trabalhadoras do setor público possam exercer as suas funções da melhor maneira possível.

Outra coisa que vem desenhada, mais ou menos, na reforma é uma possibilidade de se ter concurso apenas para os cargos mais elevados, não sei se vocês viram isso, que eles chamam de entrada paralela. O quê é entrada paralela? Teoricamente, nas funções com menor rendimento e menor complexidade dentro do setor público poderia ser feita a contratação como uma forma privada, a terceirização. Por isso que a gente precisa fazer o *link* com as reformas em curso.

A Lei de Terceirização, aprovada em 2017, permite, hoje, a terceirização irrestrita, inclusive no estado, excetuando-se apenas as carreiras típicas, não é? Forças armadas, segurança pública, auditoria, fiscalização e controle. Todas as demais funções do estado são passíveis, hoje, de terceirização.

Então, essa entrada lateral, ela aproveitaria essa possibilidade de terceirização em setores onde ela é possível e para os cargos mais elevados e as carreiras típicas, aí, sim, ter concurso público, com o argumento de que dessa forma se selecionaria os melhores trabalhadores e as melhores trabalhadoras, não é?

Outra questão também bastante perigosa, e que é um retrocesso, é a questão relacionada à carreira. Uma das lutas históricas dos trabalhadores e trabalhadoras do setor público diz respeito à existência de carreiras, desenho de carreiras que permitam o trabalhador e a trabalhadora entrarem no serviço público e terem previsibilidade e terem estímulo para a cada dia desempenharem da forma melhor possível o seu trabalho, porque existe toda uma possibilidade de ascensão profissional.

Pela proposta que se desenha na reforma administrativa, essas carreiras vão ser mais alongadas, não é? E mais alongadas e muito atreladas à questão do mérito, o que é um risco, não é? O mérito pode esbarrar nas antipatias, pode esbarrar na autonomia, não é? Não só a estabilidade é importante para que os trabalhadores do setor público possam exercer suas funções, mas a autonomia de não ser punido ou punida por determinadas atitudes e determinadas decisões que se tome no exercício do trabalho.

Então, esse desenho, ele é muito ruim porque ele vai na contramão daquilo que é a grande luta dos sindicatos, e o Safiteba é extremamente importante nisso, para que trabalhadores e trabalhadoras do setor público sejam profissionais qualificados e que tenham carreira, não é?

É engraçado que ao mesmo tempo em que existe um discurso de improdutividade, um discurso de que o serviço feito no serviço público não tem a mesma qualidade, pelo caminhar da reforma administrativa que começa a ser desenhada, isso passa a ter uma relevância maior, não é? Uma possibilidade de desestímulo aos trabalhadores e trabalhadoras do setor público desde o ingresso, não é?

Hoje, nós sabemos que várias pessoas passam anos, às vezes, se preparando para concursos públicos. Obviamente que simplesmente o concurso público, eu concordo, não é um medidor de competência, de qualificação. Muitas vezes essas pessoas se adestram para entrar – quando digo adestram, é no melhor sentido; é como a gente fazia vestibular ou faz o Enem, não é? –, o que não necessariamente significa dizer que a

competência vem junto. Inclusive, temos casos de abuso desse arbítrio, digamos assim, de entrar no serviço público e a pessoa não se colocar como servidor da sociedade.

O mais preocupante é que o resultado de tudo isso, sem sombra de dúvida, pode ser a piora na prestação desse serviço. Pode ser uma dificuldade ainda maior para que os serviços sejam prestados de forma uniforme em todo o território nacional. Por exemplo, quando eu me refiro ao número de trabalhadores do setor público, é porque esses trabalhadores não estão, necessariamente, dispostos de forma uniforme no território nacional. Sobretudo no que diz respeito aos trabalhadores da saúde e da educação, como também aos auditores e às auditoras fiscais do trabalho.

Então, com carreiras menos atrativas no sentido de entrada, ascensão, entrada, estabilidade e autonomia, nós poderemos ter o caso de as pessoas não terem interesse em fazer concursos ou em exercer cargos em determinadas condições e em determinados locais do país.

Já caminhando para o final da minha fala, é preciso dizer que ficou bastante marcado – como observamos na tramitação da reforma da Previdência, e agora isso se reforça com a reforma administrativa – que existe toda uma movimentação em busca da demonização do serviço público, de servidor público. É como se o peso do Estado, que as pessoas dizem querer reduzir, fosse completamente atribuído ao servidor e à servidora, sem levar em consideração as dimensões do país, sem levar em consideração a população do país, sem levar em consideração a importância de se ter serviços públicos num país onde temos uma desigualdade gigantesca.

Vocês devem ter visto, há coisa de 3 semanas, a síntese dos indicadores sociais divulgados pelo IBGE. Esses dados mostram que a desigualdade no país aumenta; sobretudo a desigualdade de renda. Com essa redução do Estado em um país tão desigual como o nosso, não é muito razoável a gente supor que toda a população vá ter o mesmo acesso aos serviços público.

Ontem mesmo nós falávamos na Câmara de Vereadores sobre a Petrobras. É muito clara a diferença entre você ter uma empresa estatal ou privada. Acho que isso vale para o serviço público de modo geral. Quando temos uma política de preço orientada para rendimento, lucro e dividendos para os acionistas, normalmente a sociedade é penalizada.

Vemos, hoje, que a política de preços da Petrobras, mesmo ela ainda não privatizada, mudou para uma orientação de mercado. E assim podemos observar, por exemplo, em várias regiões da Bahia, que ainda é, infelizmente, um estado bastante desigual e com vários bolsões de pobreza, um botijão de gás chegando a custar R\$ 100,00. Isso decorre de uma escolha política que orienta para onde vai a política de preços daquela empresa.

Isso pode ser a nova verdade para energia elétrica, para a saúde, para a educação e para todas as outras esferas de serviços públicos prestados pelo governo.

Sabemos que o mercado de trabalho, como eu disse no início, caminha a passos cada dia mais largos para uma maior precarização. Se não contarmos com a proteção dos auditores fiscais do trabalho, dos auditores fiscais da Previdência, daqueles que

fiscalizam, controlam e auditam, infelizmente poderemos começar a caminhar, também a passos largos, para a barbárie.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Ana. A sua fala sempre iluminando os nossos caminhos.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Concedo a palavra a Mário Diniz, diretor de Políticas Públicas de Classe e Articulação Institucional do Safiteba.

Enquanto o Dr. Mário caminha, vou registrar algumas presenças: Sr. Comandante da Companhia Independente de Polícia Fazendária da PM, tenente-coronel Daniel Figueiredo; Vera Virgínia Chaves, diretora de Assuntos Fiscais e Tributários do Instituto dos Auditores Fiscais, aqui representando o presidente desse instituto; Antônio do Lago de Souza, presidente do Sinposba; Almir Pereira da Silva, presidente do Sindhotéis.

Daqui a pouco faremos outros registros. Eu queria pedir uma salva de palmas para esses presentes. (Palmas)

Com a palavra, por 10 minutos, o Dr. Mário Diniz.

O Sr. MÁRIO DINIZ XAVIER DE OLIVEIRA: Você me avisa, Hilton, quando estiver nos 10 minutos? O povo aqui gosta de falar, então a gente tem de segurar.

Bom dia a todos e a todas, meus amigos, minhas amigas. Cumprimento a Mesa começando pelo meu correligionário Hilton Coelho, meu velho parceiro de lutas. Agradeço, deputado, por ter cedido este espaço para o Safiteba poder comemorar os seus 40 anos.

Quando pensamos em comemorar estes 40 anos do nosso sindicato, que é pequeno, ponderamos: “Vamos fazer uma coisa modesta? Nada disso. Somos pequenos, mas temos uma relevância grande e temos de botar a cara. Vai encher o plenário? Não sei. Vamos chamar os amigos, as amigas, os parceiros, as pessoas que achamos importantes”. E aqui estão presentes aqueles que sempre contamos, aqueles que construíram a nossa história e aqueles que estão firmes na luta.

Neste momento mais difícil da sociedade, o importante é não ter vergonha de botar a cara a tapas, de aparecer, de protestar e de dizer qual é o nosso papel, a nossa mensagem.

Então, para começar a minha fala, faço esse agradecimento aos colegas auditores e auditoras fiscais do trabalho, principalmente aos colegas da ativa que largaram seus afazeres na superintendência. Também agradeço aos colegas aposentados que estão aqui presentes, que passaram a vida construindo a inspeção do trabalho antes da nossa chegada. Em especial, agradeço aos companheiros das centrais sindicais, aos sindicalistas.

Fiquei feliz agora porque o Zé Ribeiro acordou e vai ouvir a minha fala; ele estava tirando uma soneca ali. O pessoal escuta discurso o tempo todo e acaba achando tudo igual.

Então, minha gente, mais do que companheiros de luta, estão aqui parceiros e amigos que aprendi a admirar. Estão ali Magno Ramos; Georgina; Jorge; o representante das Forças Armadas, que não tive o prazer de conhecer; Maurício; Nelson; Hilton; Dr. Marcelo; Severiano, ex-superintendente e grande parceiro da gente; Lidiane; Denise; Rosa; Dr. Fernando – depois de muitas conversas com ele, nasceu o Instituto do Trabalho Digno, não é, Dr. Fernando? Eu consegui enrolar o Fernando, e nessa enrolação consegui fazer com que ele fosse presidente desse instituto.

Então quero saudar todos os presentes, em especial aqueles parceiros de toda uma vida que agora já estão de cabelo branco, alguns sem cabelo. Com exceção das mulheres, obviamente, que o tempo passa e ficam cada vez mais maravilhosas, mais lindas. Está ali a Içá, com aqueles belos cabelos brancos, e outras colegas de luta, como Vana.

Meus amigos, então feitos todos esses salamaleques à guisa de introdução, quero dizer que revi aqui alguns parceiros que nos apoiaram na campanha eleitoral do ano passado. Fiz dobradinha com o meu amigo deputado, que foi mais bem-sucedido do que eu, evidentemente, quando a categoria me deu a honra de representá-la como postulante ao Congresso Nacional, na condição de candidato a deputado federal. Agradeço a todos vocês.

A gente vai falar aqui, pessoal, sobre o futuro da inspeção do trabalho. Para falar sobre o futuro, a gente tem de discorrer um pouquinho sobre o presente, não com brilhantismo da Dr.^a Georgina, intelectual orgânica, mas como um curioso, como um metido a falar sobre o tema.

O quadro não está fácil, não é, pessoal? Qual é o tamanho do nosso problema? Procurei montar a minha fala, e Fernando, com muita má vontade, me deu uns indicadores. Eu pensava que ele ia montar o discurso para mim. Não fez isso; apenas jogou um monte de estatísticas, “se vire!” Mas eu quero dizer que, à guisa de ser isento, não utilizei nenhum indicador de nenhuma instituição comunista como a *Rede Globo* e a *Folha de S. Paulo*; procurei utilizar fontes mais fidedignas, como IBGE, Pnad, relatório da Rais, para não ter questionamentos.

Então é um pouco do que a Georgina falou. Temos aí 93 milhões de brasileiros trabalhando; desses 93 milhões, 46 milhões estão com o vínculo formalizado. A outra metade está no limbo: são os quase 12 milhões de desempregados, os desalentados e aqueles famosos empreendedores. Viceja no Brasil um empreendedorismo enorme; temos neste País milhões de empreendedores. São aqueles empreendedores que encontramos nas sinaleiras vendendo bala, limpando vidro do carro, enfim, todos esses pequenos empresários nesse mundo liberal maravilhoso que estamos construindo. Esse é o tamanho do problema.

Do ponto de vista da segurança do trabalho, pessoal, vou me valer aqui dos dados do Observatório dos Indicadores, que o Ministério Público do Trabalho brilhantemente montou, só para dizer uma coisa a vocês: esta sessão vai durar 4 horas, e ao seu final vai ter morrido alguém. A cada 3 horas e 43 minutos morre um trabalhador por acidente de trabalho no País. Vai ocorrer um acidente a cada 49 minutos. Nos últimos 6 anos,

perdemos cerca de 16 mil trabalhadores por acidentes de trabalho; 4,5 milhões acidentes de trabalho ocorreram no País.

O perfil do emprego no Brasil continua absolutamente desigual. Os homens brancos detêm a maioria dos postos de trabalho; as mulheres detêm a minoria e recebem menos, juntamente com os negros e pardos deste País. Então o reflexo da desigualdade no trabalho continua presente nos dados estatísticos. E o que nos espera no futuro, meus amigos? O futuro é sensacional. Nós estamos vivendo aqui uma fase de futuro, uma ponte, uma ponte para o futuro e agora essa gestão da Pátria Amada que nos brindou com a reforma trabalhista do ano 2017, com a lei de terceirização. Mais recentemente um outro presente, a classe trabalhadora brasileira que é a reforma Previdência e por fim, mas não por último, o desmantelamento das normas de saúde e segurança do trabalho.

Aí, não podemos deixar de mencionar o ataque à Organização Sindical Brasileira. Acho que um carinho todo especial desse governo tem aos sindicatos brasileiros. Então uma tentativa desde os primeiros momentos de atacar a estrutura sindical brasileira e virá agora mais um presente para os trabalhadores brasileiros e para os sindicalistas que é a reforma sindical como um todo.

Então, não é brincadeira a coisa. Para nós do serviço público também sobraram alguns presentes: A extinção do Ministério do Trabalho, uma instituição com 70 anos de idade, que nasceu junto com a CLT, numa canetada virou uma subsecretaria. Está na terceira divisão da União Federal e é uma subsecretaria de uma secretaria especial.

A reforma administrativa que a Jorgina já se referiu e o desmonte da inspeção do trabalho que é a nossa área de atuação.

Pessoal, como é que se dá esse desmonte, para encaminhar para o final? O futuro do trabalho e desmonte, ele é sombrio. O que é que é o futuro do trabalho no Brasil? Eu falei, tentei sintetizar numa fala que eu fiz há um tempo atrás, no evento da UGT. O trabalho que está previsto nesse modelo neoliberal, liberal, como quer que se queiram chamar isso aí, meus amigos. É um trabalho com poucos empregos, esses poucos empregos com poucos direitos e esses poucos direitos com pouquíssimas instituições em condições de defendê-los.

Essa é que é a configuração dos sonhos para que se coloca nesse momento onde há um desequilíbrio absurdo entre as relações de capital e trabalho nesse país.

Então é isso que está colocado para nós.

Então, meus amigos, a essa altura dessa exposição eu sou obrigado a fazer uma pergunta: Quem são realmente as hienas desse país? Será que as hienas são aqueles videozinhos que apareciam lá ou quem está construindo esse tipo de política de lesa-pátria e de desmonte de patamar civilizatório? Essa é a reflexão para a gente fazer.

Quanto à inspeção do trabalho, meus amigos, eu puxei uns dados e o quadro é de chorar. Nós tínhamos há 34 anos, mais auditores do que temos hoje. Hoje, nós temos 2.178 auditores em atividade, quando virar o ano, quando virá o mês terá 2.177, porque Fernando Donato vai se aposentar.

Então é um a menos e vários outros sairão nesse processo. Então o crescimento da atividade econômica em mais de três décadas desse país correspondeu a um congelamento e uma redução dos auditores fiscais proporcionalmente.

Então, esses 2.178 auditores fiscalizam hoje segundo amostragem do relatório da Arraes, três milhões e novecentas mil empresas para dois mil e duzentos auditores fiscais do trabalho.

A média de inspeções por ano nos últimos 12 meses nós alcançamos três milhões e quatrocentos mil trabalhadores, ou seja, uma porcentagem ínfima com relação à massa de trabalhadores brasileiros, e realizamos 174 mil inspeções. E na área de saúde e segurança 3.500 inspeções, 1% da quantidade de estabelecimentos nesses países.

Então, esse fechamento para não ser um fechamento muito pessimista e ficar rigorosamente dentro do tempo que me foi concedido eu encerro dizendo, pessoal, o que eu disse no vídeo de Safiteba, nós não podemos e não temos esse direito de esmorecer...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...), mas com sirene já é correção psicológica. Daqui a pouco vem o segurança e me retira.

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): É que eu vou atribuir a culpa ao Cerimonial que está fazendo um trabalho maravilhoso, mas disciplinado.

O Sr. MÁRIO DINIZ XAVIER DE OLIVEIRA: Então tá, e antes que o segurança venha, eu vou encerrar a minha fala dizendo isso: o momento é difícil, mas nós que dedicamos a nossa vida à transformação social, não temos o direito de desistir.

(O Sr. Presidente faz soar às campainhas)

Eu quero sintetizar o final da minha fala com essa mensagem de esperança, citando um conterrâneo, ou pelo menos um próximo da gente, que é o Eduardo Galeano, um jornalista, um intelectual de esquerda, falecido recentemente, que faz a seguinte citação: “A utopia está no horizonte, me aproximo dois passos e ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso, para que eu não deixe de caminhar.”

Então, com isso, eu me despeço de vocês, agradeço a paciência e antes que a segurança da Casa entre em campo para me retirar daqui eu encerro a minha fala. Um abraço a todos vocês, meus amigos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Mário, como seu companheiro de Psol, eu nunca tocaria essa campainha, certo? O significado que você tem na minha trajetória... Não, fica não.

Bom, então convidamos aqui Lidiane Barros, que é auditora fiscal da Superintendência Regional do Trabalho. Ela vai fazer uma homenagem aos ex-presidentes e fundadores do Safiteba.

Na trajetória de Lidiiane, eu quero registrar a presença de Gessevanda Galvino, presidente do Foromate. Dispensa apresentações; Aristóteles Pinto, presidente do Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Federal; Raimundo Calixto, meu companheiro de partido, presidente da Federação dos Trabalhadores Públicos Municipais. Obrigado pela sua presença, Calixto. Nelson Côrtes Neto, defensor, representando aqui a nossa Defensoria Pública, combativa Defensoria Pública, que tem tido um papel muito importante na atualidade.

Então, com a palavra, Lidiiane Barros.

A Sr.^a LIDIANE BARROS: Bom dia a todas e todos...

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Lidiiane, me desculpe, pela grandeza, eu não poderia deixar de registrar e pedir que compusesse a Mesa aqui, o presidente da CUT, o companheiro Cedro. Eu queria que, se não tiver cadeira na Mesa, que a gente providenciasse, porque a CUT, obviamente, historicamente e neste momento, mais do que nunca, é ponta de lança da luta dos trabalhadores (palmas) e não pode deixar de compor a nossa Mesa. Me desculpe, Lidiiane, você tem 10 minutos.

A Sr.^a LIDIANE BARROS: Bom dia a todas e todos. O companheiro Nelson me trouxe a essa incumbência em cima da hora, mas fico muito honrada em estar aqui com o intuito de homenagear os presidentes que fizeram a história desse sindicato. Honrada porque, primeiro, quando fui presidente do Safiteba, no biênio 2017/2019, o fiz acreditando que, por ser um sindicato, como eu falei no vídeo, combativo, atuante e defensor das nossas prerrogativas, como auditores fiscais do trabalho, prerrogativas essas que são extremamente importantes para o mundo do trabalho, quicá mais equilibrado, já que a nossa atividade é predominantemente social, então uma auditoria fiscal do trabalho, com as suas prerrogativas garantidas, respeitadas, poderia, sim, fazer uma diferença no mundo do trabalho. E também pelo fato de acreditar que nós mulheres devemos sim estar nesses papéis de discussão, de debate, de liderança.

Gostaria de registrar que ainda fico muito triste quando eu vejo uma Mesa composta por apenas quatro mulheres. Fiz questão de pegar o nome das quatro mulheres – eu, uma das, e as três mulheres que estão na Mesa, porque isso é expressão daqueles dados que o colega Mário trouxe, que a Ana sempre traz, da mulher ainda em um papel de pouca importância, principalmente nos cargos de gestão e de liderança neste país.

Então, antes de saudar os presidentes do Safiteba, que fizeram a história desse sindicato, que respeito e do qual permaneço como diretora, eu vou saudar as mulheres que estão à Mesa: a querida Ana Georgina (palmas) que, como o deputado Hilton falou, gostei muito do “intelectual orgânica”, é uma referência mesmo Ana, sabe?, e é muito engrandecedor a gente ter convidado como palestrante uma mulher com tamanha importância hoje no cenário de debate do mundo do trabalho, aqui no estado da Bahia, e uma mulher negra, Ana, que é mais gratificante ainda! Você é uma representatividade muito forte nessa Mesa; a Denise Carneiro, representando a CSP- Conlutas e participante do Movimento pela Auditoria Cidadã da Dívida Pública. Denise, também te saúdo como mulher (palmas) e a Rosa de Souza da CTB- Central das Trabalhadoras

e Trabalhadores do Brasil – faço uma inversão. Rosa, também te saúdo como mulher presente na Mesa. (Palmas)

Fiz até umas palavrinhas, mas já que eu comecei no improviso, eu vou permanecer nele no máximo 2 minutinhos, não tomarei muito tempo. Na verdade, estou aqui para saudar a história do Sindicato, do Safiteba, e saudar esse Safiteba que se renova a cada momento, esse Safiteba que é extremamente atuante nas lutas, principalmente nessa interlocução com os movimentos sindicais, que é importante, principalmente nesse cenário que a gente vive no país, de ataque direto aos sindicatos e ataque direto aos direitos dos trabalhadores – não somos servidores públicos, todos nós aqui somos trabalhadores e trabalhadoras.

Então, eu saúdo esse Safiteba. Eu saúdo o Safiteba que foi participante, atuante na formação hoje da Coetrae – não na formação, porque a Coetrae tem uma história de 10 anos, mas a formação atual da Coetrae-Ba, que é a Comissão de Erradicação do Trabalho da Bahia, reconhecida pela ONU. E eu quero saudar esse Safiteba, que foi extremamente importante para a auditoria fiscal do trabalho estar compondo essa Coetrae-Bahia, da forma como compõe hoje, de forma tão atuante. Saúdo esse Sofiteba que participa dos fóruns sobre o meio ambiente de trabalho e que entende que não somos só meros fiscais da saúde e segurança do trabalhador, nós somos diretamente participantes na construção desse processo de entendimento da importância de percebermos o cenário de adoecimento, mutilação e acidentes e mortes que existem hoje no país.

Então, eu saúdo esse Sofiteba também. Eu saúdo o Safiteba que entrou com um mandado de injunção perante o STF para que essa segurança e saúde do trabalhador

que ainda nas NRs, que ainda existem, que estão em processo de mutilação tanto quanto os trabalhadores deste país, essas normas regulamentadoras, que elas fossem também aplicadas aos servidores públicos, porque somos uma categoria em que a saúde e a segurança no trabalho não são vistas. Adoecemos mentalmente e adoecemos fisicamente. E os servidores públicos estão sendo colocados também, digamos assim, sem nenhuma atenção em relação a isso.

Tanto também, viu, Georgina, naquela lógica que tem de demonização do servidor público, não é? Essa demonização do servidor público que ganha muito, como você bem desconstruiu aqui, como se a gente pudesse comparar o público com o privado dessa forma. E é nessa linha que tudo que é referente ao servidor público é colocado sempre em segundo plano. E é nessa linha que nós temos muitos colegas adoecendo em função do exercício da sua atividade, que é servir ao público.

Então, eu saúdo esse Safiteba, e é saudando esse Safiteba que vou fazer menção aos presidentes que passaram pela Casa. Deixe eu só fazer uma pesca aqui. Rose que mandou para mim a lista de todos. Então saudar o fundador, que é o Sinésio Cyrino da Costa, que foi bem lembrado pela Diva, nossa colega também fundadora, no nosso vídeo institucional; Vicente Mota da Fonseca, que tem aqui a sua esposa, está aqui presente, hoje, representando-o; Isa Maria Lélis Costa Simões, também foi presidente do sindicato; Osvaldete Bahia da Luz, Edson Alves Braga foi presidente-fundador, e hoje é diretor do sindicato, colega Edson; Alieuda Crispim da Silveira Silva, os colegas

Wellington e Dias, o colega Mário, a mim também, Lidianne, fui a presidente de 2017/2019 e agora o colega Nelson, que tem essa missão de fazer com que esse Safiteba, que eu rememorei aqui, um Safiteba extremamente combativo, um Safiteba que em nenhum momento se colocou no lugar de não defender os direitos da categoria. E digo isso quando a gente vai no Ministério Público Federal, quando a gente vai no Ministério Público do Trabalho, quando a gente vai fazer nossas representações para que nossas prerrogativas, nossos direitos e, principalmente, que os princípios da Administração Pública sejam realmente observados pela Administração Pública Federal, no caso da gente o antigo Ministério do Trabalho e hoje Ministério da Economia.

Então, Nelson, é esse Safiteba que eu saúdo e é esse Safiteba que eu espero que você continue conduzindo pela sua gestão e por mais 40 anos de existência que venham.

Obrigada a todas e todos pela atenção. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Lidianne. Vai ficar registrada nos Anais aqui da Casa essa trajetória que tem sujeitos. Como Lidianne colocou, a nossa ex-presidenta do Safiteba, que também é um orgulho, com certeza, para essa categoria.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Convido, então, para fazer uso da palavra, é uma breve saudação, Dr. Jorge, eu já conheço os seus discursos maravilhosos, mas, infelizmente, nós precisaremos fazer breves saudações para que a gente consiga respeitar o tempo.

Então o 2º Secretário da Associação Baiana dos Advogados Trabalhistas, que representa agora o presidente Ivan Isaac, o doutor e companheiro Jorge Lima, por 2 minutos, Jorge.

O Sr. JORGE LIMA: Agradecer, Hilton, sobretudo o convite, para participar desta sessão, parabenizar pela iniciativa e pedir licença para cumprimentar todos os representantes aqui do sindicato na pessoa do seu presidente Nelson Cortes, que tem uma ligação histórica já que também advogou na área trabalhista, hoje tem também o seu caminho seguido pelos seus filhos, Nelsinho e Carla.

E aproveitar também para fixar a histórica ligação que a advocacia trabalhista tem neste estado e no Brasil com a trajetória dos sindicatos dos auditores fiscais.

Na Mesa, onde tenho aqui até a satisfação de cumprimentar, pedir licença a todos para cumprimentar a Mesa na pessoa do nosso auditor Maurício, pela circunstância especial de que o pai dele foi presidente da nossa associação, Dr. Rubem Macedo que muito honrou a história da nossa entidade e assim eu trago um abraço carinhoso, um abraço de reconhecimento da advocacia trabalhista nesse estado, vou me louvar aqui um pouquinho com a brevidade do tempo do que foi dito pelo meu colega Mário, porque realmente há uma turma que sempre se encontra, que mostra o seu compromisso com o direito e com a Justiça do Trabalho.

Nós, mais ou menos esse grupo aqui, estávamos também nos atos em defesa da justiça do trabalho, nos atos em defesa dos direitos do trabalho, mais uma vez um mandato de Hilton à disposição, as centrais sindicais aqui representadas...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) todos os trabalhadores...

Cadê o segurança?

Mas na verdade fixar somente, registrar o agradecimento e o reconhecimento pela história do Safiteba, deixar aqui registrado antes que venha um outro alerta desse, mas é do procedimento. Agradeço a organização e parabenizo a todos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Muito obrigado, doutor Jorge.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Convidamos para fazer uso da palavra o senhor Marcelo Travassos Oliveira, vice-procurador-chefe do Ministério Público do Trabalho.

Registro as presenças no caminho de Tercio Souza, presidente do Instituto Baiano do Direito do Trabalho; Elaina Rosas, presidente da Associação dos Defensores Públicos do Estado da Bahia; Jorge Pinto, vice-presidente da Abavi, Associação Brasileira de Agências de Viagens.

Com a palavra Marcelo Travassos.

O Sr. MARCELO TRAVASSOS OLIVEIRA: Bom dia, gostaria de fazer uma breve saudação, parabenizar o deputado Hilton Coelho pela excelente iniciativa de realizar este evento, parabenizar o Safiteba pelos seus 40 anos, é muito tempo, muito tempo de trabalho, um trabalho importantíssimo que vem desenvolvendo ao longo dessas 4 décadas.

O Safiteba vem defendendo de forma muito eficaz os interesses da categoria e eu pessoalmente tive contato com Mário na época do Forum Mate, Mário sempre atuante, Lidiane também sempre atuante nas questões relativas ao trabalho escravo. Então foram presidentes assim, assim como os anteriores que foram muito firmes nas suas posições, não só de defender a categoria dos auditores fiscais, mas também os interesses da sociedade no mundo do trabalho.

Então fica a saudação, o brinde ao Safiteba e que tenha uma vida longa, que venham mais 40 anos. Muito obrigado. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, doutor.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Convidamos agora o senhor auditor fiscal do trabalho, Mauricio Nolasco de Macêdo, que representa o superintendente regional do trabalho, a superintendente Gerta Angélica Cortes.

Queremos antes registrar a presença de Marília Rocha Lima Nunes, especialista em meio ambiente do Inema; Amando de Jesus, diretor intersindical do Sintracom-Ba; Raileúcio Araújo de Oliveira, diretor executivo do Sintracom e Virgínia Cerqueira, do setor de marketing do Jornal *A Tarde*.

O Sr. MAURÍCIO NOLASCO MACEDO: Bom dia a todos e a todas, saúdo as autoridades presentes da Mesa na pessoa do deputado, e louvo a sua iniciativa e registro um agradecimento especial a Nelson pelo convite para a participação aqui, representando a superintendente que, devido a sua agenda no dia de hoje já programada, me deu essa missão.

Novos desafios se propõem para a inspeção dentro do cenário que já foi traçado aí. Hoje, com o rebaixamento do status de ministério, nós perdemos uma das atividades, que era o fomento à economia solidária, permanecemos com três atividades principais: a fiscalização, políticas públicas e emprego e relações de trabalho. Em relações de trabalho, no primeiro momento, o governo face à perda até da capacidade negociativa pela pressão sobre os sindicatos foi de que seria uma ação menos importante, porém já foi revisto isso e hoje... houve um rebaixamento, nossa Sessão de Relações de Trabalho tinha sido rebaixada para Núcleo, voltou a ser a Sessão de Relações de Trabalho. E nesta semana a intenção aqui na Bahia é nós fazermos – o Antônio está ali, é o analista de políticas públicas – um plano de ação para que em 2020 a gente possa fomentar mais ainda essas atividades.

Hoje o governo vai apostar na área, tanto da fiscalização quanto de políticas públicas, na digitalização dos serviços, junto com uma perspectiva política de redução do Estado, cria novos desafios muito importantes. Daí eu louvar a gente ter um sindicato cuja existência permeou todos os momentos difíceis da esfera política deste País, como o Safiteba.

E registro por fim um agradecimento especial aos companheiros que iniciaram essa luta em tempos muito mais difíceis. Espero que nós não retrocedamos enquanto sociedade para esses tempos antigos e que nossa sociedade evolua para conseguirmos realmente manter uma garantia na rede de proteção ao trabalho.

Muito obrigado. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado Dr. Maurício.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENETE (Hilton Coelho): Concedo a palavra ao ex-deputado federal e ex-superintendente do Trabalho na Bahia, Severiano Alves.

O Sr. SEVERIANO ALVES: Presidente, eu sou traumatizado com essa buzina, se puder não me faça advertência, vou falar rapidinho.

Presidente, inicialmente eu saúdo V. Ex.^a duplamente: por conduzir com brilhantismo esta sessão e, segundo, por ter tido a iniciativa de propor ao presidente da Casa e ao plenário esta tão importante sessão de homenagem ao Safiteba.

Bom, a outra saudação é do meu amigo, Dr. Nelson Alves, que não é meu parente, mas tem um Alves, eu fico no Alves. E pelo convite e a convivência que tivemos, também fomos contemporâneos da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia e eu agradeço o convite e parabenizo V. Ex.^a por contar com o apoio dos seus pares, de todos seus amigos. Em seu nome, me permita, também, que toda a Mesa fique saudada para ganhar tempo e não receber a buzina.

Eu não tenho dados. O Mário, ainda, obteve dados do Fernando Vasconcelos, mas ele queria o discurso completo. Então, vou me valer de algumas informações que eu tenho da minha passagem um tanto breve na superintendência.

Bom, eu cheguei lá e procurei conviver muito bem, sobretudo, com os auditores, especialmente, com a organização sindical. Acho que nós deixamos, lá, uma marca que era uma luta de mais de 20 anos, que era a mudança da sede para dar mais dignidade ao trabalho dos auditores, ao trabalho dos funcionários e, enfim, às ações do ministério. Então, durante a nossa passagem, nós conseguimos melhorar as instalações e dar mais dignidade aos servidores do ministério. Com tristeza, eu vejo, hoje, que essa sede, que acomodou muito bem toda a categoria, está sendo, também, desmontada. É lamentável.

Lamento, também, que o Ministério do Trabalho, fundado na década de 1930, por Getúlio Vargas, tenha sido reduzido a uma secretaria especial junto a uma outra com outro ministério que é a Previdência e o Trabalho.

Eu tive, também, a satisfação de conviver com o pessoal do sindicato, o pessoal Safiteba e de outra organização. Eu queria dizer que convivi muito bem com Wellington, eu convivi muito bem com Mário, convivi muito bem com Larissa, de saudosa memória, a quem eu acho que nós deveríamos homenagear, também, por não estar presente, pois está com Deus.

Mas eu queria dizer que foi muito boa essa convivência com o sindicato, pois ele ajudou muito na condução das reivindicações da superintendência. Foi um diálogo muito positivo. Então, eu registro com satisfação.

Queria finalizar dizendo o seguinte. Nós precisamos abrir portas. Não adianta a gente partir para o enfrentamento, porque eles não estão nos ouvindo. Eu acho que nós devíamos cobrar, deputado Hilton Coelho, da base estadual da Bahia e da base nacional, não só os representantes do Legislativo ou da República dos Estados brasileiros, no caso, os senadores, que representam os estados, e a Câmara Federal, que representa os interesses da população brasileira.

Nesse campo, eu sou ex-deputado. Mas posso ajudá-los no diálogo ou na abertura de conversas em Brasília. Não faço parte do governo. Não votei neste governo. Mas acho que nós precisamos abrir o diálogo.

O Ministério do Trabalho não pode ser ignorado ou reduzido a uma secretaria. As ações do trabalho, o trabalhismo, a história dos direitos do trabalho, a segurança do trabalho, a geração de emprego e renda são uma coisa que estão sob nossa responsabilidade e sob a nossa batuta de lutar por isso.

Então, presidente, eu deixei, por último, para agradecer, também, às pessoas que foram muito fundamentais, lá, comigo, no Ministério do Trabalho, como Edson Braga, Weldon, Flávio, saiu de lá também, Maurício e tantos outros auditores, especialmente, meu querido amigo Nelson, faltoso que era danado na faculdade, mas um grande companheiro.

Rosa, parabéns, e muito obrigado a você, também, do Dieese. Gostei muito da sua fala. Nós já nos conhecemos e você sempre foi uma colaboradora excelente.

Muito obrigado a todos e muito obrigado pela oportunidade de falar para vocês.

Então, presidente, eu agradeço muito esta oportunidade.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Dr. Severiano.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Infelizmente, há mais um informe que nos deixa estarecido. Trata-se da divulgação da extinção da Fundacentro, ontem. Isso é algo que vai se somando ao conjunto das medidas deste governo que pareciam possíveis de acontecer e que precisam, portanto, do nosso mais enérgico enfrentamento.

Eu queria anunciar a presença do deputado Zó, alguém que tem uma trajetória de luta muito grande, uma representação dos trabalhadores muito firme. Nesta Casa, ele é um deputado do Partido Comunista do Brasil. Muito nos orgulha a sua presença, deputado Zó. Se quiser se fazer presente à Mesa, tudo bem.

O próximo orador é o presidente do Instituto do Trabalho Digno, Fernando Donato Vasconcelos.

O Sr. FERNANDO DONATO VASCONCELOS: Saúdo o presidente Hilton Coelho e o presidente Nélon. Em nome de Georgina e Lidiane, saúdo todas as mulheres presentes nesta sessão.

O presidente do Instituto do Trabalho Digno não poderia saudar o Safiteba sem fazer referência ao fato de que o Instituto nasceu de uma iniciativa do Safiteba. Nós somos um instituto nacional dedicado a estudos e pesquisas e nasceu a partir de uma iniciativa do próprio sindicato da Bahia.

Nós temos uma revista científica, a *Laborare*, cuja origem é ser uma publicação baiana de inspeção do trabalho. Então, de fato, é no Safiteba que nós encontramos a gênese desta articulação que nós lideramos hoje: o Instituto do Trabalho Digno.

Não teríamos tempo para isso. Mas se fôssemos falar a respeito da perspectiva dos próximos 40 anos, a gente, provavelmente, não falaria a respeito do desafio da robótica, do desafio da reformulação do mercado de trabalho, do desafio dos aspectos da transformação técnica e da transformação mundial que a gente tem tido.

Infelizmente, a nossa realidade, hoje, é como se a gente estivesse discutindo a gravidade do terremoto que nós sofremos. É como se esse terremoto já estivesse findando e já estivéssemos discutindo a etapa seguinte. Só que me parece que esse terremoto é parte de algo mais grave, que é o tsunami que vem em seguida.

Nós, ainda, estamos na fase em que o mar de direitos está se distanciando cada vez mais e a gente olhando para ele. A questão é estarmos diante de uma perspectiva de tsunami. E o tsunami, aí, particularmente, não é o tsunami político...

Eu mesmo coloquei a questão da campanha para mim.

Então, em relação a esse quadro, a gente se estarece diante de um tsunami de perda de direitos e diante de um tsunami de trabalho precário, cada vez mais precário.

A pergunta é: nós estamos num lugar tão alto quanto poderíamos estar? Nós estamos nos unindo e nos articulando para estarmos num lugar tão alto quanto

poderíamos estar? Ou vamos enfrentar esse tsunami da mesma forma e com as mesmas práticas que tínhamos antes em relação a isso? Eu levanto esta questão justamente assim. Nós estamos, de fato, fazendo todo o trabalho de unidade que poderíamos fazer na carreira dos auditores fiscais do trabalho com os trabalhadores, os trabalhadores entre eles próprios?

Eu acho ser este o desafio, qual seja, o desafio para nos unir mais para enfrentar esta situação que eles estão construindo, pois é uma situação que, em última instância, é a transformação do Brasil numa situação de mercado de trabalho como a Índia, como o Paquistão, como Bangladesh, de um trabalho cada vez mais precário, com mão de obra cada vez mais barata, do ponto de vista deles, uma vez que os mesmos de sempre vão ganhar cada vez mais.

Esta é a perspectiva através da qual a auditoria fiscal do trabalho tem de olhar e se perguntar o seguinte. Como ser auditor fiscal do trabalho diante desta nova realidade? Como vamos enfrentar isso? Eu acho ser esta a ideia inicial. Acho que o Safiteba tem um papel muito importante nisso, qual seja, é o papel da aproximação cada vez maior com os trabalhadores e com os sindicatos no sentido da construção de uma nova realidade para nós.

Desculpem ter avançado no tempo.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Dr. Fernando.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Nós acabamos suspendendo a campanha para o Dr. Severiano, mas vamos ter que voltar a usá-la dado o avançado da hora e do momento clímax desta atividade que é a fala, claro, do nosso presidente.

Então convidamos o presidente da nova Central Sindical dos Trabalhadores, José Ramos, para a sua saudação.

Enquanto o Sr. José se dirige à tribuna, queremos registrar as presenças de Rito Humberto Silva, diretor administrativo do Sindpec (Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas; Iranildo Domingos de Souza, secretário da área da saúde da Força Sindical; e Marcelo Fernandes Pereira, diretor administrativo e financeiro do Sindicato dos Portuários da Bahia.

Com a palavra José Ramos.

O Sr. JOSÉ RAMOS: Bom dia a todos e a todas.

Quero, neste momento, agradecer o convite para participar da comemoração dos 40 anos do Safiteba e dizer, também, da importância deste momento. Quero, em nome do presidente do Safiteba, saudar toda a Mesa presente e saudar os meus companheiros e companheiras presentes a este evento, hoje. É muito importante a comemoração dos 40 anos do Safiteba.

Devemos entender que, neste momento, há quase 1 ano, nós estamos passando por uma dificuldade muito grande que foi a extinção do nosso Ministério do Trabalho, o único ministério que nos representava no nosso país.

É muito triste para nós, trabalhadores, estarmos num momento desse, um momento de estar confraternizando com os trabalhadores e falar uma situação dessa. Mas não só isso, aí vem a terceirização, a reforma do trabalho e outras que estão por vir aí. Então, temos que ficar muito atentos e manter a nossa luta em cada momento.

Quero dizer aos companheiros do Safiteba da importância que tem esse sindicato para todas as categorias do nosso país, como é tão importante esse órgão fiscalizador que nos dá apoio às demais entidades. E, neste momento, aqui, temos que comemorar, sim, porque 40 anos são 4 décadas, 4 décadas de luta desse sindicato. E é muito importante, neste momento, que os companheiros do Safiteba procurem, também, buscar juntamente às entidades o apoio para que nós possamos ter a representatividade em todas as categorias possíveis.

E aí eu agradeço, mais uma vez, a oportunidade. E parabéns pelos 40 anos do Safiteba. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, José.

E, agora, Denise Carneiro, coordenadora da CSP Conlutas, a Central Sindical e Popular.

A Sr.^a DENISE CARNEIRO: Bom dia a todos e todas! Saúdo a Mesa na pessoa do deputado Hilton Coelho e da diretora Lidiane Barros, já para praticar um pouco a paridade de gêneros, eu acho muito importante que nós, enquanto mulheres, sejamos representadas, também, na instância de poder. E, em nome da CSP Conlutas, viemos parabenizar o Safiteba. Na verdade, nesses 40 anos de luta, não é só para parabenizar, é para agradecer. Agradecer por vocês existirem, agradecer pela missão importantíssima que vocês cumprem no Brasil e, principalmente, neste momento e a prova são os ataques que vocês vêm sofrendo junto com todo o arcabouço de proteção aos trabalhadores neste país. Eles retiram os direitos, golpeiam os órgãos fiscalizadores e acabam com suas instituições. Nós estamos aí na iminência, também, de vermos o fechamento da Justiça do Trabalho. Esse é outro ataque gravíssimo contra os trabalhadores e precisamos reagir a isso em todos os momentos, em todas as instâncias. A luta nossa é diária, e vocês sabem muito bem disso.

Com a história, também, de luta do povo brasileiro, nos unimos aos nossos irmãos da Latino América que se levantaram e nós também temos capacidade para tal, nós também temos história de luta para reagir aos opressores, reagir a esse sistema cruel e criminoso que nos aflige, nos ataca e nos mata.

Inclusive, temos auditores que foram mortos. Já para concluir minha fala, em memória deles, em memória dos nossos mortos na luta, não podemos esquecer, também, de perguntar quem matou Marielle Franco. Nós não vamos esquecer isso. Não vamos descansar enquanto não tiver justiça para todos os nossos mortos, nossos combatentes que foram mortos em batalhas.

Então, a CSP Conlutas vem não só agradecer como parabenizar vocês. Dizer que estamos juntos sempre, porque atacar o serviço público não é atacar só servidor público,

atacar o serviço público é atacar a população que, além da privação de direitos, vai ter privação de serviços. E nós não podemos chegar à barbárie que anunciou, aqui, a nossa grande Georgina com toda a certeza neste momento, porque isso é o que eles querem, mas isso é o que nós não vamos permitir. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Muito obrigado, Denise, principalmente por trazer essas palavras que remontam aos entes que vêm da nossa América Latina, realmente a América Latina conflagrada contra esse projeto que se desenha aqui no Brasil. Existe uma rejeição internacional e nós precisamos fazer com que o Brasil, apesar de ter eleito recentemente esse presidente, consiga refletir também esse espírito de luta e essa perspectiva de avanço e não de retrocesso para a luta das trabalhadoras e dos trabalhadores. Muito obrigado, Denise.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Agora concedo a palavra a Magno Lavigne, presidente da União Geral de Trabalhadores.

Queremos registrar a presença de Marcelo Fernandes, diretor do Sindicato dos Portuários; Rivaldo Ferreira de Souza, presidente do Sindigráficos-BA; Paulino Rodrigues, coordenador-geral do Sindiferro e do companheiro França, presidente do Sindicato dos Ferroviários e Metroviários da Bahia.

O Sr. MAGNO LAVIGNE: Bom dia a todos e todas, gostaria de nas figuras de Lidiane e Ana Georgina saudar a Mesa, e muito rapidamente fazer essa saudação para que eu possa ter um tempinho aqui para conversar um pouquinho.

Dizer que do ponto de vista da comemoração, presidente Nelson, os outros companheiros já fizeram aqui as falas que são emblemáticas do que é a importância do sindicato de vocês, da categoria, mas eu não podia perder a oportunidade de no momento que o país está vivendo, deixar registrado aqui nos Anais da Casa a indignação com o que está acontecendo com a Presidência da República. O presidente ao que tudo parece, e espero que não seja verdade, parece que está envolvido no assassinato de Marielle Franco. De uma forma ou de outra é uma situação muito complicada, porque vocês imaginem se fosse alguém da esquerda ou algum democrata que tivesse o assassino tocando o seu interfone, uma voz de dentro de casa dizendo para ele ir lá, o outro não sei o quê e tal. Imaginem se fosse o tal do Lula, que está preso, ou qualquer outro lutador social, como não estariam as painéis tremulando neste momento Brasil afora.

Então, não podia perder a oportunidade, me desculpem, talvez a impertinência da forma, de dizer aqui e deixar registrado nos Anais desta Casa que para os trabalhadores isso é uma vergonha. Dá nojo, dá desespero do ponto de vista de você entender que o país está entregue na mão da milícia, do pior que tem na política e ainda tem gente que tem a capacidade de tentar defender esse governo.

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

Feito isso, e a sirene tocando, gostaria de dizer que agradeço a oportunidade em nome da União Geral de Trabalhadores de poder compartilhar com vocês este nosso momento de reflexão.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): É isso, Magno, nós queremos saber quem atendeu a sirene da casa 58. A pergunta que não quer calar hoje no Brasil inteiro. Não é essa, foi uma sirene com certeza sinistra. E nós queremos parabenizar sua fala, Magno, porque neste momento não podemos realmente ter esse tipo de política. As ameaças que pairam sobre o nosso país, sob a condução de alguém com um currículo, no mínimo, extremamente suspeito, como os elementos estão apresentando aí, os elementos da realidade, precisa realmente ser evidenciado em todos os espaços públicos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Convidamos, então, a Sr.^a Vice-Presidente da CTB-BA, Rosa de Souza, para fazer uso da palavra e a sua saudação.

A Sr.^a ROSA DE SOUZA: Bom dia a todos e a todas, aqui, para nós da CTB, é uma honra estar participando desta sessão especial. Quero parabenizar o deputado estadual Hilton Coelho, nesse sentido, nessa sensibilidade de atrair esse público para entender a realidade que foi apresentada aqui por Ana Georgina, da dificuldade que vivem os servidores públicos. E também, quero aqui, em nome do novo presidente Nelson Alves, dizer que para nós é, mais uma vez, uma honra, uma categoria que vive nas suas dificuldades.

Foi dito aqui por Mário, por Ana Georgina, da realidade, das dificuldades que foi o retrocesso neste país das perdas dos trabalhadores. Agora, Lidianne trouxe um aspecto importante para nós. Imagine essa categoria que cuida, fiscaliza vários trabalhadores que são escravizados, trabalhadores, também, infantis, crianças que ficam ali sendo escravizadas, trabalhadores que estão doentes, na depressão e também fisicamente, a queda que tem quando se aponta aqui o índice que tem diminuído essa representatividade.

Então, aqui, este momento, esses 40 anos que comemora o Sindicato de Auditores Fiscais do Estado da Bahia, nós temos que dizer a vocês que vocês estão de parabéns nesses 40 anos, nesses 40 anos de resistência, nos 40 anos de estar denunciando o ambiente de trabalho, nesses 40 anos que vocês tiveram de valorização e de defesa dos interesses daqueles trabalhadores e trabalhadoras de ponta.

Por isso nós, da CTB, deixamos aqui o nosso fraterno abraço a vocês, felicidades e vida longa. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Para finalizar aqui nós temos apenas duas pessoas para fazer a saudação. Eu queria convidar o presidente da Central Única dos Trabalhadores do Estado da Bahia, o companheiro Cedro Costa e Silva.

O Sr. França: Central Única dos Trabalhadores e das Trabalhadoras, vida longa!

O Sr. CEDRO COSTA E SILVA: Obrigado, França. Saudação a todas as Centrais, saudação ao deputado Hilton Coelho que tem participado de tantas atividades nas classes trabalhadoras, estou achando até que ele é um deputado do PT, Partido dos Trabalhadores e a gente tem andando tanto por aí a fora, em algumas atividades. Queria saudar o Nelson, presidente do Safiteba e já parabenizar e saudar o Mário Diniz, esse guerreiro, lutador que sempre levou essas discussões muito a sério e a gente sempre participou; saudar meus companheiros e minhas companheiras, presidentes das centrais; Ana Georgina, essa mulher maravilhosa, em nome dela eu saúdo todas as mulheres maravilhosas aqui deste Plenário também, e aqui neste Plenário tem algumas pessoas que eu gosto muito, que fazem parte dessa luta da gente aí, dessa caminhada, são verdadeiros irmãos, guerreiros, guerreiras. Eu quero saudar todo este Plenário em nome do companheiro Aurino Pedreira, gente muito boa aí, alto gabarito. França, do Ferroviário, aí, nosso sindicato.

Mas eu queria dar um recado assim rapidinho: gente, eu preciso dizer aqui que a gente precisa estar em unidade. Foram as salas que eu fiz hoje nas paralisações do Polo Petroquímico, na porta da Petrobras, no Itaigara, aqui no Edifício Duarte da Costa, defendendo Dataprev, Serpro.

Então nós estamos numa verdadeira cruzada pela defesa das empresas estatais e também do serviço público e precisamos nos concentrar mais nisso com muito afinco, pra dizermos verdadeiramente para esse governo que não vamos aceitar privatização das empresas públicas, a precarização, o aprofundamento da precarização do trabalho para o servidor público. E é essa a nossa missão, é essa tarefa que o momento pede para cada um de nós.

Vamos deixar um pouquinho de sermos egoístas, assim de olhar mais para a nossa categoria, olhar mais para o nosso posto de trabalho, achar que sendo aquele menino bonzinho que faz tudo que o chefe está mandando vai acertar a vida desse país. Não vai!

A gente só vai acertar quando a gente começar a se concentrar num só lugar, aumentar a discussão disso tudo que está acontecendo no país, mas de forma coletiva para daí tirar grandes encaminhamentos acerca e a respeito de tudo o que está acontecendo para a gente virar essa página terrível da nossa história pelo qual a gente está passando.

Eu fiquei aqui torcendo para a sirene tocar. Eu já concluí, não tocou. E então eu estou concluindo aqui minha fala. Muito obrigado, um grande abraço a todos e vamos à luta sempre, até a vitória! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): É isso aí Cedro. A gente atendeu ao chamado ali de França, da representatividade da CUT.

Meu companheiro Mário Diniz provoca aqui pelo “assumimento” do compromisso do nosso mandato – deputado Zó, que vai ser o próximo orador – para uma moção de solidariedade aos trabalhadores e às trabalhadoras do Cesat, contra o seu despejo da sede do Canela.

Nós queremos fazer esse registro aqui de compromisso do nosso mandato, eu acredito também que o do deputado Zó, do Partido Comunista do Brasil, que vai usar agora a nossa tribuna.

O Sr. ZÓ: Primeiro, é um prazer imenso estar aqui Hilton, e eu queria saudá-lo em nome da Mesa, porque você é um dos companheiros que tem esse compromisso com a luta dos trabalhadores aqui nesta Casa, na sua trajetória, na trajetória do seu partido; me solidarizar com o pessoal nesse momento em que as investigações começam a correr para o lado que provavelmente vai sair a solução para o crime da vereadora. Nós do Psol, do PCdoB, do PT, dos partidos da esquerda temos sido muito vítimas.

No Pará, o PCdoB tem perdido militantes seguidamente na luta pela terra, na luta pela reforma agrária. Mas é bom estar aqui nesta sessão do Sindicato dos Auditores Fiscais da Bahia, porque são 40 anos também de uma luta que é paralela à luta dos mandatos políticos, dos partidos políticos, das centrais sindicais.

Eu queria saudar Rosa aqui, em nome da CTB, saudando todos os companheiros aí – Aurino, os companheiros da construção civil –, porque a gente vive um momento de muita dificuldade. E o companheiro falou aqui sobre a questão do que nós estamos fazendo pela unidade. Talvez a política seja igual à família: às vezes, a gente se une mais na dor do que nas alegrias; a gente se encontra mais em velório do que propriamente em comemorações.

E fazendo esse comparativo... Porque muitas vezes nós estamos... O PCdoB sempre foi um partido muito de conciliar, e a gente está, aos trancos e barrancos, tendo que se conciliar. Foi na luta contra o golpe, na luta contra as reformas. Na verdade, reformas não, deformações que têm assolado o nosso país. Os resultados são os países europeus que encamparam isso antes. Na América Latina, como o Chile, está aí. E essas experiências, elas estão acontecendo hoje. E é importante essa insurgência popular, porque a gente, no Brasil, viveu uma experiência importante que dá para ter comparativo. Não foi a experiência que a gente idealiza, mas foi uma experiência muito importante, próxima do que paralelamente a gente sonhou: foram esses 13 anos de Lula e Dilma, que agora a gente tem um comparativo.

Comparativo do que é o neoliberalismo e o ataque às instituições que, exatamente, defendem os trabalhadores. Os sindicatos estão sendo atacados, as centrais estão sendo atacadas, as associações estão sendo atacadas, os movimentos populares, movimentos dos sem-terra, dos sem-teto, movimento de reforma agrária, de quilombolas, de mulheres, de negros estão sendo atacados.

Então, comemorar isso, de um sindicato tão importante... Porque eu sempre falo aqui do que eu conheço. Eu sou da região de Juazeiro. Na verdade, sou da beira do São Francisco. Converso muito com Hilton sobre a relação que a gente tem com o rio e como era essa relação do trabalho antes da fiscalização dos auditores, dos fiscais, da ação do Ministério do Trabalho, lá na região, porque nós temos o trabalho lá de canavieiros, de fruticultura, que é um trabalho que era muito precarizado. E se não fosse a ação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, lá, a ação dos fiscais, dos auditores fiscais do trabalho, a gente, talvez, estivesse lá, ainda, vivendo uma série de coisas que

a gente viveu por muito tempo, porque vinha com uma concepção muito de que o trabalhador rural podia aguentar todo o tipo de transporte, todo tipo de alimentação, todo tipo de água para se beber e uma série de outros fatores, todas as perdas de direitos.

E nós estamos numa região em que a fruticultura é a que mais emprega. Nós temos essa ação importante. E eu queria deixar assim uma gratidão a todos vocês por estarem juntos dos trabalhadores, das pessoas que produzem de verdade nesse país, deixar um grande abraço. Essa tempestade, esse tsunami, esse terremoto, ele vai passar. Vai passar e nós temos que estar unidos, como o companheiro colocou aqui, para que a gente possa ajudar a que isso possa passar mais rápido, porque a água vai, a água volta e a gente está no meio disso tudo.

Então, eu queria deixar esse grande abraço, um abraço do nosso partido, da nossa bancada, dizer que podem contar sempre com a gente e parabenizar, Hilton. Nós temos, aqui, uma luta ainda importante que nós precisamos discutir que é a questão do canabidiol, do uso recreativo da maconha, que a gente vai trazer essa discussão para aqui, porque é uma discussão em que a sociedade está sendo penalizada pela ignorância que existe imperando nesse país, nesse momento. Então, a gente vai bater essa bola, PCdoB e Psol, para trazer essa discussão para aqui também.

Então, parabéns, o momento é de dificuldade, mas vamos levantar a cabeça, vamos para a luta e vamos vencer, porque a vitória é do povo, a vitória é de quem produz, a vitória é de quem trabalha, a vitória é de quem constrói essa Nação, a vitória é de quem constrói esse mundo. Viva os trabalhadores, viva os auditores fiscais do trabalho! Um grande abraço.

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Muito bem, deputado Zó. Muito obrigado pela sua combatividade e ousadia. Quero registrar que o povo do Chile enfrentou as decorrências desse mesmo projeto que foi implementado, se tenta implementar no Brasil, tem enfrentado nas ruas, inclusive, derrotando o próprio exército chileno. O governo decreta um estado de alerta e toque de recolher. De maneira subsequente, é obrigado a rever todas as medidas em função da “aguerrividade” do povo chileno nas ruas, inclusive a pedir desculpas ao povo chileno.

É esse espírito que nós precisamos encarnar agora, aprender com as lições dos países vizinhos, não apenas com o significado das derrotas, mas com a ousadia para vitórias, e partir para o campo de batalha.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Chegamos no nosso momento clímax aqui de ouvir o presidente do Safiteba, o companheiro Nelson Alves Côrtes Filho, que vai ocupar agora a tribuna desta Casa e vai fechar o conjunto das falas aqui, com certeza com chave de ouro. (Palmas)

Deliguem a sirene!

O Sr. NELSON ALVES CÔRTEZ FILHO: Bom dia a todos e a todas.

Eu quero, em primeiro lugar, dizer que não tenho a mesma verve de todos, não tenho esse discurso de todos, inclusive discursos políticos, mas vou procurar fazer o melhor possível em prol da nossa categoria.

Repetindo, (Lê) “(...) é com muita emoção que cumprimento, primeiramente, as colegas auditoras e os auditores fiscais do trabalho. Sem vocês, essa história não seria possível. Também, cumprimentar e agradecer ao deputado Hilton Coelho, que está nos proporcionando esta sessão especial comemorativa dos 40 anos do Safiteba, entidade da qual tenho a maior honra de pertencer e ser um dos fundadores e atual presidente.

Cumprimento também os demais membros da Mesa na pessoa do Dr. Maurício Nolasco, representante da nossa superintendente, Dr.^a Gerta Schultz. Cumprimento ainda, e em especial, a minha família, aqui presente, e os amigos que vieram nos prestigiar, bem como os sindicatos, na pessoa do Aurino, velho conhecido, e demais entidades.

Quero começar fazendo uma pergunta: para que serve um sindicato? Sei que a maioria aqui é sindicalista, mas, da nossa ótica, iremos fazer essa indagação. Que luta é essa que nos faz permanecer firmes por 10, 20, 30 ou 40 anos? Defender a dignidade de quem trabalha, de quem ajuda o país a produzir e crescer é defender todo o país, é defender a todos.

Um sindicato não luta apenas por uma categoria, não luta por melhoria nas condições de trabalho de apenas um grupo de pessoas. Os sindicatos, os bons, são capazes de garantir melhoria na vida de todos.

Imagine o sindicato dos professores. Ele não existe para defender apenas os direitos de quem ensina, ele não existe para defender somente aqueles que precisam aprender; ele ajuda a garantir uma educação de qualidade para quem aprende.

O sindicato da construção civil não garante apenas melhores condições de vida para quem constrói um prédio; ele ajuda a garantir que o prédio seja construído da melhor maneira, melhorando a vida de quem vai viver nele.

E viver é uma palavra importante nesse contexto, porque muito do que os sindicatos fazem é garantir um trabalho vivo, feito para as pessoas que precisam continuar vivas, ajudando o país a crescer ainda mais.

O Sufiteba – para que tem servido o Safiteba? O Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho no Estado da Bahia, criado a partir da Asintra (Associação dos Inspetores do Trabalho no Estado da Bahia) em 1979, existe para garantir que as auditoras e auditores do trabalho tenham seus direitos e prerrogativas garantidas e condições dignas de realizar suas tarefas com eficiência técnica, saúde e segurança. Mas que tarefas são essas? O que faz a auditoria fiscal do trabalho?

Infelizmente, ainda hoje, muita gente precisa sofrer para garantir o seu sustento. Ainda hoje, muita criança precisa quebrar pedras com as próprias mãos, pintar o rosto com o carvão que suja os sonhos e a alma. Ainda hoje, atividades perigosas continuam sendo realizadas sem as cautelas legais, colocando em risco a saúde e a segurança de trabalhadores em diversas áreas. Dos professores e operários da construção, de quem falei mais atrás, a tantas outras profissões, regulamentadas ou não, todas precisam que a fiscalização chegue para mostrar que a lei tem uma razão de existir.

Também não adianta pensar que empregadores são vilões nessa história. A relação da auditoria do trabalho com quem gera emprego e investe seus sonhos e recursos em uma empresa é uma relação de parceria. É um processo educativo. À medida que os empregadores (e os empregados também) entendem que um trabalho digno, seguro e remunerado adequadamente é bom para todos, faz as famílias felizes, a economia girar e o Brasil mais forte.

Por isso, em nome da diretoria do Safiteba, tenho o maior orgulho de saber que estamos há 40 anos ajudando a fortalecer uma categoria que vem prestando relevantes serviços ao nosso país, fiscalizando o trabalho análogo ao escravo, o trabalho infantil, o portuário e aduaneiro; ajudando, ainda, a garantir as convenções e contratos coletivos de trabalho, o recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (o FGTS); mediando, ainda, conflitos trabalhistas, entre outras tantas atividades.

E se nesses 40 anos o Safiteba tem sido o porto seguro para os auditores fiscais do trabalho que fazem tanto pela Bahia e pelo Brasil, o nosso desejo é que, nos próximos 40 anos, estejamos ainda mais fortes para fazer ainda mais.”

Eu quero solicitar a vocês que neste momento difícil que o ex-Ministério do Trabalho, hoje Ministério da Economia, vem vivendo, em que nossos colegas vem sofrendo pressões de toda forma, inclusive de mudança de sede, pressão que está deixando a maioria agoniada, com os nervos à flor da pele, sem dormir, porque não estão nos dando as opções que nós gostaríamos, e a luta tem sido árdua... Os nossos colegas estão combatendo, estão comparecendo às reuniões, estão lutando para não só garantir melhores condições de trabalho e mais instalações condignas... Venho aqui para solicitar a união de todos, solicitar a força de todos, inclusive de todos os sindicatos aqui presentes e de todos os políticos que puderem nos ajudar nessa nossa luta, independente de qual partido seja, de qual sindicato seja. É uma luta para manter uma categoria que honra e dignifica o trabalho.

Então eu venho solicitar de vocês, aproveitando essa homenagem, que nos ajude na nossa luta, porque o Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho, ele tem 40 anos de luta e vai continuar lutando. Então, vem com a gente, é o que o Safiteba pede a todos vocês e conclama.

Muito obrigado a todos pela presença. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Nelson, registrar que na verdade essa posição da ALBA em ceder o espaço é uma pequena resposta, um pequeno agradecimento à homenagem de 40 anos que vocês sempre fizeram à saúde e segurança dos trabalhadores e trabalhadoras baianas e brasileiras.

Ainda em tempo, a companheira Edla está presente representando o Sinttel, o combativo Sinttel. E para chegar nos últimos momentos, aqui, da nossa sessão, eu convido todos e todas aqui presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia, o nosso Hino ao Dois de Julho.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Bom, nós não poderíamos terminar num estilo mais elevado, ouvindo o nosso verdadeiro Hino da Independência, o hino de uma terra que fez uma guerra pela independência, neste momento em que temos a nossa independência ameaçada, uma independência que sempre foi incompleta. Estamos sendo chamados, agora, para completá-la.

Nós tivemos uma manhã em que, eu tenho certeza, cada um de nós que participou dessa atividade está saindo bastante diferente em relação ao entendimento sobre o que é esse patrimônio da legislação e das instituições que defendem a saúde e a segurança do trabalho. A partir dessa consciência, nós vamos para o campo de batalha para realizar a verdadeira independência do Brasil.

É neste momento, em que eles querem acabar com o que nós conseguimos de independência, que nós temos que ser aguerridos, aguerridas, ir para o campo de batalha e fazer o inverso: completar a nossa independência.

Então, em nome da Assembleia Legislativa, eu quero agradecer a presença de todas as auditoras e auditores do trabalho, fiscais do trabalho, claro, especialmente a presença daqueles que conduzem o Safiteba, agradecer a presença das autoridades civis, militares, das senhoras e senhores, aliás, do Sr. Deputado Zó, que também se fez presente, da imprensa, das trabalhadoras e trabalhadores do Cerimonial. E eu queria palmas para eles, para elas, que fizeram um belo espetáculo de organização. (Palmas)

Portanto, declaramos encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.